



# Diálogo entre Cristianismo e mundo Cultural nos primeiros séculos

*Pe Paulo Cezar Costa*

Se com Paulo e João, o anúncio da verdade de Cristo se expande para o mundo gentílico, libertando o cristianismo de tornar-se uma seita, este diálogo continuará através da genialidade e habilidade de grandes homens. Esta abertura ao mundo filosófico e cultural livrou o cristianismo de ser uma seita, fê-lo abraçar a sua vocação à universalidade. Esta vocação ao diálogo com a filosofia, a cultura e com o momento histórico será sempre vocação do cristianismo.

No segundo século, o encontro do Cristianismo com o mundo Greco-Romano se deu de maneira cada vez mais intensa. O mundo greco-romano era *um mundo consciente de seus valores, orgulhoso de um sucesso político (a paz romana) e, sobretudo cultural. O homem antigo tem consciência de que é herdeiro de todo um patrimônio intelectual, artístico e religioso. Tem orgulho da própria sabedoria, da própria tradição intelectual*<sup>1</sup>. O mundo greco-romano conseguiu elaborar uma cultura que tinha valor de universalidade. O grego era a língua comum (o koinè), língua do comércio, da filosofia, da ciência. A cultura Latina foi penetrada pela cultura helênica. O heilenismo desenvolveu um espírito universal. A Igreja encontrou-se assim com o mundo cultural helênico. Este encontro, porém, não será tranquila por parte de alguns cristãos, por exemplo, Tertuliano, que era um homem profundamente culto, com uma excelente formação jurídica, dirá que “entre Jerusalém e Atenas não há nada em comum”.

---

<sup>1</sup> J. LIÉBAERT, Os padres da Igreja. Séculos I-IV, São Paulo: Edições Loyola, 2000, 39.

O cristianismo começa a conquistar a sua cidadania, porém, não encontra um ambiente fácil diante de si, pois deverá justificar-se diante do mundo pagão e judaico. A epístola de Diogneto, 5,17 caracteriza bem este momento histórico: “*os judeus fazem guerra como raça estrangeira. Os gregos os perseguem. Aqueles que odeiam os cristãos não sabem dizer o motivo do seu ódio*”. Os Cristãos deviam justificar-se diante do Estado, diante do povo, diante dos intelectuais e sofriam acusações do mundo judaico. O mundo religioso de então, desconhecia a fé cristã e a prática dos cristãos:

1. *Diante do Império Romano* os cristãos eram ímpios e ateus, o que caracterizava o *Crimen maiestatis*, insubordinação, recusa de submeter-se ao imperador. Como religião e Estado caminhavam juntos, o *crimen sacrilegii* era punido com a pena de morte. Era obrigação do cidadão romano reconhecer os deuses que protegiam o Estado: deusa Roma e o gênio do Imperador, fidelidade ao império romano. A tolerância romana aceitava os outros cultos desde que estes não contrastassem com a fidelidade ao império. A negação dos cristãos desencadeará o violento e sistemático aparelho de repressão imperial. Os cristãos eram chamados de ateus porque não acreditavam nos deuses romanos, mas em Deus.

2. *Para o povo*, os cristãos eram réus de crimes como o *incesto*, por causa da vida comunitária dos primeiros cristãos, e que era mal interpretado pelos que viam de fora. Os cristãos eram acusados de *misanthropia* (não participar dos jogos e teatros), e participar de reuniões misteriosas, devido ao silêncio que envolvia a iniciação cristã (catequese pré-batizmal). Eram também acusados de *canibalismo*, *antropofagia*, (eucaristia: comer carne humana). Para o povo os cristãos ainda eram culpados por serem a causa dos males que afligiam o império: não respeitavam as tradições e atraíam a ira dos deuses contra todo o império.

3. *Os intelectuais ridicularizavam os cristãos*. Segundo eles, não se pode entender a mensagem cristã. Somente para os fanáticos esta é aceitável. A fé dos cristãos é uma fé cega (mártires), eles crêem sem que a razão possa iluminar a lógica da fé. É interessante o diálogo de Orígenes com o filósofo Celso. Celso proclamava que a fé era inferior a razão<sup>2</sup>, que Jesus Cristo era um mago<sup>3</sup> e os cristãos usavam os encantos mágicos<sup>4</sup>. Celso objeta contra a

---

<sup>2</sup> ORÍGENES, *C. Celso* 1,9; 3,55.

<sup>3</sup> *C. Celso*, 1,6.

<sup>4</sup> *C. Celso*, 1,68.

encarnação, pois implicaria uma alteração em Deus<sup>5</sup>. A ressurreição é uma lenda porque demonstraria a irracionalidade em Deus<sup>6</sup> e a adoração de Jesus como uma contradição com o monoteísmo<sup>7</sup>. Celso trata os cristãos como ignorantes, incrédulos e ingênuos. Também Luciano considerava Jesus como um charlatão.

4. *A relação entre o cristianismo e judaísmo foi extremamente complexa.* Para o cristianismo nascente, o diálogo com o judaísmo, religião mãe, foi muito difícil. Sabemos que a religião judaica foi (e é) importantíssima para o desenvolvimento religioso da humanidade. O Cristianismo, por sua vez, apresenta-se como continuação e realização plena. A Sinagoga, não foi mãe, mas madrastra dos primeiros cristãos (At. 13-14; 17-18). Justino acusa os judeus de perseguirem o cristianismo<sup>8</sup>; Tertuliano acusa as sinagogas de fonte de perseguições para os cristãos<sup>9</sup>; segundo o *Martyrium Polycarpi*, os Judeus prepararam o fogo e instigaram o governador a não conceder o corpo (13,1;17,2) e a *Ep. de Barnabé* defende que o judaísmo e a lei eram alegorias do cristianismo. Este caminho não foi seguido pela igreja.

Os apologistas foram os grandes defensores do cristianismo, porém, não permaneceram na defensiva, mas abriram diálogo com o mundo filosófico e cultural. Em Roma este diálogo se dá por obra do filósofo Justino de Roma, convertido ao cristianismo; no mundo cultural alexandrino, por obra de Clemente e Orígenes, grandes mestres da Escola de Alexandria.

## 1. Justino Mártir

Justino teve um percurso intelectual passando por diversas escolas filosóficas: estoicismo, peripatéticos e pitagóricos. O estóico não lhe deu nenhuma explicação sobre o ser de Deus. O peripatético insistiu no pagamento imediato das aulas. O pitagórico lhe pediu que aprendesse primeiro a música, a astronomia e a geometria. Ele então assumiu por algum tempo a filosofia médio-platônico<sup>10</sup>. Porém converteu-se ao cristianismo por volta do ano 133, depois de um diálogo com um misterioso velho, que o endereçou à leitura dos livros proféticos. Ele mesmo descreve o seu itinerário intelectual: *A filo-*

<sup>5</sup> C. Celso, 4,2;14.

<sup>6</sup> C. Celso, 5,14.

<sup>7</sup> C. Celso, 8,14.

<sup>8</sup> JUSTINO, *Diálogo*, 17, 1; A partir de agora, citaremos esta obra com a abreviação: *Dial.*

<sup>9</sup> TERTULIANO, *As Nações*, I, 14,2.

<sup>10</sup> *Dial.* 2-8

sofia é realmente um bem muito grande, muito preciosos diante de Deus, ao qual só ela nos conduz e nos une; e são, na verdade, sagrados os que aplicam o espírito à filosofia [...] Assim, desejando também eu, desde o começo, freqüentar um desses [filósofos], abri meu coração a um estóico e, tendo passado certo tempo com ele, como nada mais adquiria a respeito de Deus-ele próprio nada sabia e não julgava necessário esse conhecimento- deixei-o e fui a outro chamado de peripatético (discípulo de Aristóteles), hábil no que acreditava. Sustentou-me nos primeiros dias, depois quis que eu fixasse um pagamento para que nosso encontro não fosse inútil. Por esse motivo, deixei-o, julgando que absolutamente não era filósofo [...] na minha confusão, pareceu-me bom apelar para os platônicos [...]. Residia há pouco tempo em nossa cidade um homem inteligente, eminente entre os platônicos; freqüentei-o tanto possível, progredi e avancei o mais que pude, a cada dia. Eu estava profundamente impressionado pelo entendimento das coisas incorpóreas; a contemplação das idéias deu asas a meu espírito; em pouco tempo acreditei que havia adquirido a sabedoria e, por preguiça, esperei ver a Deus imediatamente, pois é esse o objetivo da filosofia de Platão<sup>11</sup>.

A formação filosófica permitirá a Justino, guardando o centro da verdade revelada, abrir diálogo tanto com o mundo cultural como com o mundo filosófico. As especulações filosóficas lhe permitiram elaborar o conceito da absoluta transcendência de Deus. O aspecto mais importante do pensamento de Justino para a história do pensamento cristão é a Teologia do Logos *spermatikós*, que ilustra a visão universalística da verdade da encarnação do Verbo. Tanto o Antigo Testamento como a filosofia grega são preparatórios para o Cristianismo. Ambos trazem em si as *sementes do Verbo*, sementes da verdade presentes em cada homem, e que se manifesta em modo particular na ética, no modo de orientar a vida segundo valores absolutos e universais. Neste sentido, Justino tem alta consideração seja por Moisés como pelos Filósofos como Heráclito, Sócrates e Platão. Diz Justino: *Pois tudo quanto os filósofos e legisladores descobriram e proclamaram de acertado: todos estes conhecimentos e descobertas eles conquistaram trabalhosamente, na medida em que tiveram parte no Logos*<sup>12</sup>.

A grande habilidade de Justino consiste em identificar o Logos da filosofia Grega com Jesus Cristo, o Verbo encarnado<sup>13</sup>. Quando os filósofos deixaram-se guiar pela reta razão, eles foram de certo modo cristãos. Para Justino, o Logos é a razão pessoal de Deus, da qual participam todos os ho-

<sup>11</sup> *Dial.* II, 3-6.

<sup>12</sup> JUSTINO, *Apologia* II, 10.

<sup>13</sup> P. C. COSTA, *Salvatoris disciplina. Dionísio de Roma e a regula fidei no debate teológico do III século*, Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2002, 31.

mens. Em cada homem há um semente do Logos<sup>14</sup>. Esta expressão é de origem estoíca - platônica<sup>15</sup>, mas a genialidade de Justino está em identificar este Logos com Jesus Cristo, o Verbo encarnado<sup>16</sup>. Os cristãos são aqueles que participam da totalidade do Logos<sup>17</sup>.

Justino é o primeiro autor cristão que especula sobre a geração do Verbo, com ele entra na teologia o conceito de geração. Nas religiões populares gregas, os deuses enquanto produtores de coisas são apresentados em analogia com os animais, como procriadores, que geram como os humanos outros deuses, o mundo e os seres humanos. Na Sagrada Escritura a relação de Deus com o mundo e com o homem é uma relação de criador - criatura. O povo de Deus é chamado Filho de Jahvé, mas esta relação de paternidade - filiação é sempre entendida em sentido figurativo. A diferença entre a concepção de Deus como criador e gerador é muito grande. Na geração, o gerador produz algo semelhante a si, pois o gerado deve ser da mesma espécie; na criação, o criador produz coisas diversas de si mesmo.

A mitologia grega, em contato com a filosofia, produziu dois tipos de teísmo: um antimitológico, onde Deus é concebido como artífice, este é o teísmo de Platão e Aristóteles; o outro, mitológico, onde Deus é concebido como gerador. Na filosofia de Platão e Aristóteles, Deus é o demiurgo, artífice, artesão, que modela o mundo de uma matéria eterna, mas separada e coexistente a ele na eternidade<sup>18</sup>. Também para Aristóteles, Deus é só o motor de um mundo que existe eternamente<sup>19</sup>. O teísmo estoíco é mitológico, Deus é o fogo primeiro que gera de si um mundo igual a si, análogo ao

---

<sup>14</sup> *II Apol.* 7,3; 13,1-5; A doutrina do Logos o ajudará a definir a preexistência de Cristo e a aprofundar a união do divino e do humano em Cristo. Porque usou esta noção, porque fala tanto do Logos? Fundamentalmente por duas razões: 1- para justificar que o cristianismo é a verdadeira religião, que é mais antigo que todas as filosofias pagãs, mais antigo, que a religião dos judeus porque os profetas falaram em nome de Cristo; 2- para mostrar que Cristo é o salvador de todos os homens, que ele é o Logos que falou e fala a todos os homens. Este Logos estava com Deus antes da criação do mundo como *δύναμις λογική*, gerado da vontade de Deus.

<sup>15</sup> Justino recorre a esta noção estoíca - platônica, a terminologia é estoíca, mas o pensamento parece platônico; A. ANDRESEN, "Justin und der mittlere Platonismus", *ZNTW* 44(1952/53), 157-195; J. DANIELOU, *Message évangélique et culture hellénistique*, Tournai: Desclée, 1961, 42-47; L. BARNARD, *Justin Martyr, his life and thought*, Cambridge 1967, 96-99; R. HOLTE, "Logos spermatikos. Christianity and Ancient Philosophy according to St. Justin's Apologies", *STH* 12(1958) 115-117; R.J. DE SIMONE, "Giustino filosofo e martire", *DPAC*, Genova 1994, 1629.

<sup>16</sup> *II Apol.* 13, 4; B. STUDER, *Dio Salvatore nei padri della chiesa*, Roma: Edizione Borla, 1986, 71-74; R. CANTALAMESSA, "La divinità di Gesù Cristo dal Nuovo Testamento al concilio di Nicea", *Gregorianum* LXII(1981), 639-641.

<sup>17</sup> *II Apol.* 10,1

<sup>18</sup> PLATÃO, *Tim.* 52<sup>a</sup>.

<sup>19</sup> *Phys.* 8, I, 252b, 5-6; 4,256<sup>a</sup>,2-3; *Metaph.* 12,7.

*semem* da geração animal<sup>20</sup>. Plotino querendo combinar o Deus imaterial, antimitológico platônico - aristotélico se encontrou com a dificuldade de como explicar em base ao princípio da geração animal, que Deus pudesse gerar um mundo diverso de si<sup>21</sup>. Filon de Alexandria refuta a concepção estoíca, corporal de Deus e afirma a criação do nada como ato livre de Deus.

No mundo bíblico, γεννάω aparece algumas vezes. No A.T. em Pr. 8,25 se fala da sabedoria gerada de Deus e no Sl 2,7 se diz: “Tu és meu filho, eu hoje te gerei”<sup>22</sup>. Em At 13,33 o autor aplica o texto do Sl 2,7 a ressurreição de Jesus e em Hb 1,5 o autor aplica este mesmo versículo a Cristo, mas é difícil delimitar o contexto<sup>23</sup>. Em 1Jo 5,17 Jesus é denominado: γεννηθεὶς ἐκ τοῦ Θεοῦ<sup>24</sup>. Os gnósticos desenvolveram uma concepção de Cristo preexistente, chamado com diversos nomes, entre os quais Logos, a qual geração de Deus era descrita como um processo físico. Em Inácio de Antioquia, Cristo é ingerado de Deus e gerado de Maria (γεννητὸς καὶ ἀγέννητος). A Grillmeier comenta que a humanidade de Cristo pertence ao mundo do gerado, do criado; a sua realidade divina ao mundo do ingerado, do incriado<sup>25</sup>.

Justino tem uma grande herança e assim pode introduzir a noção de geração do Logos, ainda que se somente 1Jo 5,17 tinha falado da geração de Cristo. Justino encontra esta noção na cultura da época: gnosticismo, estoicismo e também no mundo pagão e a confronta com a afirmação de Pr. 8,25<sup>26</sup>. Justino deve mostrar que a geração do Verbo não se dá como a geração animal e por isso usa o exemplo da palavra, onde não há corte e o exemplo do fogo que acende outro fogo sem perda<sup>27</sup>. O cuidado dos apologistas era também com o mundo pagão, pois como se viu entre as religiões gregas populares, se tinha a idéia dos deuses que geravam como geram os animais.

Para Justino, a Sabedoria foi gerada pelo Pai desde a eternidade<sup>28</sup>. O Verbo tem sua origem no Pai, por emissão (προβολή), antes da criação de todas as coisas, para a criação do mundo<sup>29</sup>; este Verbo foi emitido por vanta-

<sup>20</sup> *Diogene*, 7, 136.

<sup>21</sup> *Emm.* 5,1,6.

<sup>22</sup> F. BÜCHSEL, “γεννάω”, *GLNT*, II, 405-407.

<sup>23</sup> F. BÜCHSEL, “γεννάω”, *GLNT*, II, 410-411.

<sup>24</sup> F. BÜCHSEL, “γεννάω”, *GLNT*, II, 412-415.

<sup>25</sup> A. GRILLMEIER, *Gesù il Cristo nella fede della chiesa*, Brescia: Paidéia, 1982, I/1.

<sup>26</sup> *Dial.* 61, 1-5; M. SIMONETTI, *Studi sull'arianesimo*, Roma: Editrice Studium, 1965, 11-12.

<sup>27</sup> *Dial.* 61, 1-5; *Dial.* 128,4; A. ORBE, *Hacia la primera teologia de la procesion del Verbo*, I/2, 565-583; H.A. WOLFSON, *La filosofia dei padri della chiesa*, Brescia: Paidéia, 1978, 266.

<sup>28</sup> *Dial.* 129, 3-4

<sup>29</sup> *Dial.* 62,4 diz: “Sim que este fruto emitido (προβληθέν) realmente do Pai, estava com Ele antes de todas as criaturas e com ele conversava, como nos manifestou a palavra pela boca de Salo-

de do Pai, e é um outro distinto do Pai. Justino afirma: *Ainda que brevemente, também anteriormente eu examinei a questão, que esta Potência, que o texto profético chama Deus e anjo, e isto sim, nós amplamente demonstramos, não é só distinta por nome como a luz do sol, mas numericamente outra, e ali diz que esta Potência foi gerada pelo Pai, por poder e vontade sua, porém não por cisão ou corte, como se si dividisse a substância do Pai, como as outras coisas todas que se dividem ou cortam não são a mesma antes e depois de dividir-se. Eis, pois o exemplo do que vemos com o fogo que se acende de outro e como, sem embargo, não diminui em nada aquele do qual podem acender outros muitos, permanecendo o mesmo*<sup>30</sup>.

Justino opõe-se assim a falar da geração do Verbo como uma geração material-animal. Na geração animal existe cisão, na geração do Verbo não existe cisão<sup>31</sup>. Por meio do Logos o Pai cria o mundo<sup>32</sup>, se dá a conhecer, e realiza a redenção dos homens. Quem se manifestou nas teofanias do AT foi o Verbo<sup>33</sup>. Para Justino, ó Θεός denomina o Pai, o Filho é definido θεός<sup>34</sup>.

Na mesma linha de Justino se desenvolveu a teologia dos apologistas: Taciano, Teófilo de Antioquia e Atenágoras. Teófilo de Antioquia desenvolve aquela doutrina de origem estoíca que já se encontrava em germe em Justino, a teoria dos dois estados do Logos: Logos ἐνδιάθετος e προφορικός<sup>35</sup>. Este termo estoíco significa: imanente, interno e emitido, proferido. O termo designa a faculdade de pensar, interior ao homem (ἐνδιάθετος) e também a expressão exterior (προφορικός) deste pensamento pela palavra e o raciocí-

---

mão, ao nos dizer que antes de todas as criaturas foi gerado por Deus (ἐγγεννητο) como princípio e primogênito, este que por Salomão é chamado sabedoria”.

<sup>30</sup> *Dial.*, 128,4; ( *C. Dial.* 61,1-3).

<sup>31</sup> A. ORBE, *Hacia la prima teologia de la procesion del Verbo*, V/2, Romae : Pontificiae Universitatis Gregorianae, 1958, 565-583 mostra que Justino é um escritor eclesiástico que aceita a probolé gnóstica tomando todos os cuidados necessários.

<sup>32</sup> *I Apol.* 59.

<sup>33</sup> *Dial.* 127,4; Este tema das teofanias é importantíssimo na teologia do II e III século. As teofanias são as aparições de Deus no AT. Este tema já tinha sido tratado no mundo judaico. Numa primeira reflexão se pensava que Deus mesmo se manifestava nas teofanias, num segundo momento se interpreta como o anjo do Senhor; com Justino começa a tradição de interpretar como sendo o Logos. Esta concepção é fortemente subordinacionista, pois ninguém viu o Pai, o Pai é transcendente, aquele que se manifesta é o Filho.

<sup>34</sup> A única exceção é *Dial.* 61,3 onde Justino fala de Cristo como ó θεός , Logos, sabedoria, potência e gloria do Pai que o gerou.

<sup>35</sup> *Ad. Aut.* II, 10 diz: “Tendo Deus o seu Verbo imanente (ἐνδιάθετον) em suas próprias entranhas, o gerou (ἐγέννησεν) com sua própria Sabedoria, emitindo-o antes de todas as coisas. A este Verbo Ele teve por ministro de sua criação e por seu meio fez todas as coisas”.

nio<sup>36</sup>. Esta doutrina será presente na teologia por quase todo o terceiro século e será encontrada ainda no IV século. Na primeira fase, λογός ἐνδιάθετος, ele esta no seio do Pai, formando um com Ele, sendo sua razão, parece que sem personalidade própria, subsistente na pessoa do Pai; na segunda, λογός πρὸ φορικός, é o Logos gerado antes da criação do universo, para ser intermediário da criação. Nesta Segunda fase ele se distingue bem do Pai, tendo a sua personalidade própria. Teófilo de Antioquia no seu escrito a Autólicos diz: *Agora, pois, me diga: Tu dizes que não tem que circunscrever Deus num lugar, como dizes que Deus passeava no jardim? Escuta a minha resposta. Deus, sim, o Pai do universo, é imenso e não esta limitado a um lugar, pois não existe lugar de seu descanso; mas seu Verbo, pelo qual fez todas as coisas, como sua potência e sabedoria que é, assumindo a figura de Pai e Senhor do universo, este, foi ele quem se apresentou no jardim na figura de Deus e conversava com Adão. E a mesma escritura nos ensina que Adão diz ter ouvido a sua voz. E essa voz, que outra coisa é, senão o Verbo de Deus, que é também seu Filho? Filho não ao modo dos poetas e mitólogos que dizem que nascem filhos dos deuses por união carnal, mas como a verdade explica que o Verbo de Deus esta sempre imanente (ἐνδιάθετον) no coração de Deus. Porque antes de criar nada, a este tinha por conselheiro, como sua mente e seu pensamento que era. E quando Deus quis fazer quanto tinha deliberado, gerou a este Verbo proferido (ἐγέννησε προφορικός), como primogênito de toda a criação, não esquecendo-se do seu Verbo, sim gerando ao Verbo e sempre conversando com Ele. Como nos ensina as Escrituras e todos os inspirados pelo Espírito, entre os quais João, que diz: No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, dando a entender que no começo Deus estava só e Nele estava seu Verbo. E depois diz: Deus era o Verbo. Tudo foi feito por Ele e sem ele nada foi feito. Sendo pois, o Verbo Deus e nascido de Deus, quando o Pai do universo quer o envia a algum lugar, e Ele, ali chegando é ouvido e visto, enviado por Ele, e fala em seu lugar*<sup>37</sup>.

<sup>36</sup> M. SPANNEUT, *Le stoïcisme des les pères de l'Église. De Clément de Rome a Clément d'Alexandrie*, Paris 1957, 311); M. POHLENZ, *La Stoa*, Firenze 1967, 54 diz: « per i Greci l'essenza del logos non si esaurisce nel conoscere e nel parlare. Non si può solo dire che una cosa è, ma anche che una cosa deve essere. Il logos non si arresta alla conoscenza, ma contiene anche l'impulso ad operare. Solo partendo da questa funzione possiamo capire perché il logos divienne il concetto fondamentale della filosofia di Zenone ed ebbe un significato quale il *nous* non poté mai raggiungere. Per Zenone il logos non rappresenta soltanto la ragione pensante e conoscente, ma anche il principio spirituale che dà forma a tutto l'universo razionale e in base ad un piano rigoroso e fisso per ogni singola creatura la sua destinazione».

<sup>37</sup> TEÓFILO, *Ad Aut.* II, 22.



## 2. Alexandria: Clemente e Orígenes

Outro grande centro de diálogo entre a Verdade do Cristianismo e a cultura Grega foi Alexandria. Em Alexandria, o mundo cultural e o platonismo já tinham preparado o ambiente para o desenvolvimento do cristianismo. Platão e outros filósofos tinham dirigido a mente em direção ao uno, mostrando a ilusão do politeísmo. Alexandria era um grande centro cultural, tinha uma grande biblioteca, foi um grande centro do judaísmo helenizado. Homero já tinha lançado os princípios para o desenvolvimento da exegese de Filon de Alexandria<sup>38</sup>. Filon de Alexandria buscou, em um ambiente hostil ao judaísmo, dialogar com o platonismo, assumindo as suas categorias, mas preservando a identidade do judaísmo.

Alexandria, no II século, foi um ambiente dominado pelo gnosticismo, principalmente pelas escolas gnósticas de doutrinas mais elaboradas: Basílide, Valentino e seus discípulos<sup>39</sup>. O gnosticismo foi uma corrente de pensamento que dominou a teologia no segundo século e a influenciou no terceiro. A gnose é um fenômeno complexo que durou quatro séculos. Quando se fala da gnose herética, os estudiosos preferem falar de gnosticismo. É um fenômeno muito diversificado que se desenvolveu em três grandes momentos: uma pré-gnose, identificada com algumas religiões do II e I séculos antes de Cristo; uma gnose que se misturou com um judaísmo helenizado e a gnose que encontrou o cristianismo, chamada pelos estudiosos de gnosticismo. A gnose do gnosticismo é uma forma de conhecimento que tem por objeto a verdadeira realidade espiritual do homem. Este conhecimento é um conhecimento que salva quem o recebe<sup>40</sup>. Existiam diversas correntes e variações doutrinárias entre elas, sendo as escolas mais importantes as de Valentim e de Basilides. A grande característica do gnosticismo é a desvalorização do deus cósmico, o que tem por consequência a refutação da unidade do criador: como existem dois mundos, assim coexistem dois deuses e dois princípios criadores. O demiurgo dos diversos sistemas gnósticos é identificado com o Deus do A.T. e contraposto ao verdadeiro Deus, pai de tudo, o Deus *agnos-*

---

<sup>38</sup> P. GRECH, “Agli inizi della teologia cristiana”, *Storia della teologia*, Casale Monferrato: Piemme, 1993, I, 37-38.

<sup>39</sup> M. SIMONETTI, “Alessandria. II. Scuola”, *DPAC*, 117-118, comenta: “[...] e questo non sorprende, se consideriamo quanto le tendenze culturalmente sincretiste degli gnostici armonizzassero con la vivacità intellettuale del milieu colto alessandrino e la pluralità di stimoli che agivano su di esso (dottrine filosofiche greche, giudaismo ellenizzato, religioni orientali, letterature apocalittiche)”.

<sup>40</sup> G. FILORAMO, «Gnosi / Gnosticismo», *DPAC*, II, 1642.



tos<sup>41</sup>. Este Deus é o pai da grandeza, aquele a partir do qual é destinada a manifestar-se a plenitude de tudo, isto é, do mundo dos *eons*. Ele é uma realidade andrógena. No mundo divino, o pleroma, há as emanações, que são os *eons*, geralmente masculinos e femininos. O casal primogênito gera outros *eons*, que pouco a pouco que se afastam do pai (que tem em si a plenitude do ser) perdem a força de ser. Vem, pois, a existência um demiurgo, considerado um aborto do pleroma, que é o criador do mundo material. Na produção do demiurgo acontece que um fragmento do mundo divino, de luz e de espírito, se desprende e se mistura, vindo habitar em alguns homens, os pneumáticos. Assim os homens são divididos desde o nascimento em três categorias: os materiais, os psíquicos e os pneumáticos (que são os gnósticos em si, que possuem em si um fragmento do pneuma). A produção do demiurgo supõe uma rebelião no céu antes da criação.

As pessoas de cultura eram na sua maioria gnósticas. A cultura cristã nasceu tarde em Alexandria exatamente porque a classe culta era gnóstica. Clemente e Orígenes aprenderam do gnosticismo e o combateram. Clemente, para combater o gnosticismo, fala perfeitamente como os gnósticos, o seu modo de raciocinar é gnóstico. Clemente de Alexandria e Orígenes são inexplicáveis sem o gnosticismo. Eles querem apresentar a verdadeira gnose contra a falsa gnose. Um claro exemplo: Orígenes escreve o *Contra Celso*, a sua grande obra de confronto com a cultura clássica, só no final da sua vida, por pedido de Ambrosio. Porém, o comentário ao Evangelho de João nasceu da necessidade de opor-se ao gnosticismo, mediante o fascínio que este exercitava nos fiéis cultos e sensíveis a filosofia e teologia.

A maioria dos autores concorda que a escola de Alexandria tem o seu início com Orígenes. Com Panteno e Clemente era uma escola privada como a de Justino em Roma e tantas outras escolas filosóficas da época. A escola de Alexandria será a grande escola de pensamento cristão do terceiro século, graças à maestria de Orígenes<sup>42</sup>, que foi o grande mestre desta escola, lhe deu fama e uma linha de reflexão bem definida. Alexandria com Orígenes assumiu a filosofia neoplatônica. Para entender Orígenes, necessita-se vê-lo como um anti-gnóstico e um exegeta. Orígenes foi discípulo de Amônio Sacas, que era um grande mestre da escola neoplatônica de Alexandria, sen-

---

<sup>41</sup> “Ele é indescrevível, nenhuma arché o reconheceu, nenhuma potência, nenhuma criatura, a partir do início do mundo” (*Ep. ad Eug.* NHC III, 3p. 71,13-18). Basilide de Hipólito diz que no início havia o Deus que não existe “sem pensamento, sem sensibilidade, sem vontade, sem divisão, sem paixão, sem desejo” (*Ref.* VII, 21,1).

<sup>42</sup> Orígenes nasceu por volta do ano 185, provavelmente em Alexandria, de pais cristãos. Seu pai Leônidas foi martirizado na perseguição de Setímio Severo (202-203). Muito cedo se tornou instrutor dos que se preparavam para o catecumenato.

do inclusive mestre de Plotino. A sua linha de pensamento será a linha oficial da Igreja de Alexandria, pois quase todos os seus mestres se tornaram bispos de Alexandria: Heracla, Dionísio, Áquila e Pedro.

### 2.1. Clemente de Alexandria e a razão grega

Clemente nos dizeres de Jacques Liébaert já aparece como verdadeiro humanista cristão, encarnando a dupla fidelidade dos Padres: ao mesmo tempo, à tradição cristã e à cultura de seu tempo<sup>43</sup>. Ele é grego e cristão com naturalidade. Na sua obra *Protreptico*, ou *Exortação aos Gregos*, obra de uma grande beleza literária, Clemente fala sobre a verdade do cristianismo abrindo um diálogo com a beleza literária de Homero.

Na sua obra *Strômates*, ele trata da filosofia. A Igreja de Alexandria era composta por homens sábios e também por cristãos simples. Os cristãos simples recriminaram-lhe perder o seu tempo com a filosofia. Eles queriam a “fé sozinha e nua” (I, 43) e não somente nua da especulação filosófica, mas também de toda especulação, mesmo a teológica. O objetivo de *Strômates* é mostrar que a filosofia é uma coisa boa, porque querida por Deus. Diz ele: *Antes da vinda do Senhor, a filosofia era indispensável aos gregos para conduzi-los à justiça; agora se torna útil para conduzi-los à veneração de Deus. Ela serve de formação preparatória aos espíritos que querem chegar à fé pela demonstração. “Teu pé não tropeçará” como diz a Escritura, se atribuis à providência tudo o que é bom, tanto grego quanto cristão. Deus é a causa de todas as coisas boas, umas imediatamente e por si mesmas, como o Antigo e o Novo Testamento; outros por corolário, como a filosofia. Mesmo a filosofia talvez também tenha sido dada como um bem direto aos gregos, antes que o Senhor tivesse ampliado até eles o seu chamado, pois ela realizava a educação deles, exatamente como a Lei dos judeus, para ir até Cristo. A filosofia é um trabalho preparatório; ela abre o caminho àquele que Cristo depois torna perfeito...*

**A filosofia teve a tarefa pedagógica de conduzir os gentios para Cristo. Ela compartilha com os dois testamentos a tarefa de justificar os que levavam uma vida honesta e conforme a verdade. O cristianismo é uma continuação da filosofia antiga. A filosofia antiga desemboca no Novo Testamento. Não há, por certo, senão um caminho da verdade, mas ele é como um rio inesgotável, para o qual correm os outros cursos d’água, vindos um pouco da cada lugar. Daí estas palavras inspiradas: Escuta, meu filho, e recebe as minhas palavras para teres muitos caminhos para a**

<sup>43</sup> J. LIÉBAERT, Os Padres da Igreja. Século I-IV, São Paulo: Edições Loyola, 2000, 87.



*vida. Eu te ensino as vias da sabedoria, para que não te faltem fontes, as fontes que jorram [todas] da mesma terra. E não é somente para um único justo que ele diz haver vários caminhos de salvação; acrescenta que há para multidões de justos, multidões de outros caminhos; faz com que se entenda assim: os atalhos dos justos brilham como a luz. Pois bem, os preceitos e as instruções preparatórias são, sem dúvida, caminhos, impulsos de nossa vida[...].*<sup>44</sup>

## 2. 2. Orígenes

A sua teologia trinitária e a sua impostação cristológica de Orígenes, fizeram história no Oriente, trazem a marca e a influência dos conceitos filosóficos do neoplatonismo. Para Orígenes, Deus é Espírito. Em todo o primeiro capítulo de *De Principiis* ele argumenta provando ser Deus Espírito<sup>45</sup>. Com a afirmação “Deus é Espírito” (Jo 4,24) a Sagrada Escritura indica qualquer coisa de oposto ao nosso corpo denso, sólido<sup>46</sup>. Ele tinha como interlocutor os gnósticos que tinham uma concepção material de Deus. Deus Pai transcende o espírito e o ser mesmo, é monada (ἡ μονάς) e hénada (ένάς), de εἷς. Mónada é a unidade primeira que gera a multiplicidade, hénada é o uno em si, o absoluto considerado em si mesmo. Só o Pai é em sentido estrito o αὐτόθεος pois é o único não gerado, ἀγέννητος. A fonte da divindade não gerada está toda ela concentrada no Pai, como αρχή ele é a fonte e o Logos recebe dele por participação ou comunhão e por essência a divindade. O Filho é gerado eternamente do Pai, como a vontade do intelecto, ele é gerado da vontade do Pai<sup>47</sup>. Orígenes não aceita a geração do Filho em analogia com a geração animal. Não é uma προβολή ou emanção, isto implicaria uma separação, um corte na substância do Pai, coisa incompreensível com a simplicidade e incorporeidade de Deus. Ele usa imagens imateriais para falar da geração do Filho. A geração do Filho se dá como o resplendor procede da luz e a vontade da mente<sup>48</sup>. O Pai gera eternamente o Filho (ἀεί γεινᾶ αὐτόν) de

<sup>44</sup> CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Stromata*, I,5,28-29.

<sup>45</sup> *De Princ.* I, 1; Orígenes é um platônico. Para um platônico é impossível uma concepção material de Deus como tinham os gnósticos e o estoicismo.

<sup>46</sup> *De Princ.* I, 1, 2.

<sup>47</sup> *De Princ.* IV, 4, 1.

<sup>48</sup> *De Princ.* IV, 4, 1; Ele afirma que de «Deus invisível e incorpóreo foi gerada a palavra e a Sabedoria sem nenhuma afeição corporal, como a vontade procede do intelecto. E do momento que ele foi chamado Filho do amor (Col.1, 13), não é impossível chama-lo também Filho do querer. Assim foi gerado da vontade do Pai o Filho[...];» *Fragm. In Hebr.*: PG XIV, 1307; H. CROUZEL, *Théologie de l'image de Dieu chez Origène*, Aubier : Éditions Montaigne, 1956,

maneira perpétua e eterna, não tendo um tempo em que Deus não fosse Pai<sup>49</sup>. O Filho tem o seu principio ontológico no Pai, mas não tem principio cronológico, pois não começou a existir, existiu sempre, eternamente. Orígenes afirma claramente a distinção entre Pai e Filho. Em polêmica com a teologia monarquiana ele faz a distinção entre Pai, Filho e Espírito por *hypóstasis*, *ousía* e *hypokeimenon*<sup>50</sup>. Pai, Filho e Espírito são três *hypóstasis*. No comentário ao Evangelho de São João II,10, Orígenes está combatendo três opiniões, entre estas está a daqueles que pensam que o Espírito não tem uma existência própria, distinta da do Pai e do Filho. Neste contexto Orígenes afirma serem três *hypóstasis*<sup>51</sup>. No comentário ao Evangelho de João 10,37, Orígenes combatendo os monarquianos que não fazem distinção entre Pai e Filho, afirma a distinção entre Pai, Filho e Espírito por *hypóstasis*, *ousía* e *hypokeimenon*<sup>52</sup>. Contra Celso, que dizia que os cristãos não contentes em adorar um só Deus, prestavam culto a um homem que tinha aparecido recentemente

---

comenta: «Origène n'explique pas la génération du Fils par l'analogie d'une génération humaine, car cette dernière est corporelle, et suppose donc une division de la substance paternelle: elle ne saurait convenir à Dieu, Qui est absolument incorporel».

<sup>49</sup> *De Princ.* IV, 4, 1; O Filho é gerado eternamente. Orígenes fundamenta a geração eterna do Logos em Pr 8, 25, onde a Sabedoria diz de si mesma «γεννᾶ με» (*Hom in Jerem.* 9, 4; *De Princ.* I, 2, 2); no Salmo 2, 7 que diz: “Tu es meu filho, hoje eu te gerei”. Hoje referindo-se a Deus significa eternidade (*Com.Jo.*I, 29); na imutabilidade de Deus; na imagem do Filho como resplendor da luz eterna; M. MARTÍNEZ PASTOR, *Teología de la luz en Orígenes*, Santander 1963.

<sup>50</sup> Orígenes representa a divindade em sentido mais dinâmico que estático, mas quando está em polêmica com a teologia monarquiana faz distinção por *ousía* e *hypóstasis*; M. SIMONETTI, “Note sulla teologia trinitaria di Origene”, *Vetera Christianorum* VIII (1971), 273-307; A.H.B. LOGAN, “Origen and the development of Trinitarian theology”, *Origeniana* IV, 424-429; J. RIUS CAMPS, *El dinamismo trinitario en la divinización de los seres racionales según Orígenes*, Roma: P. I. Oriental, 1970.

<sup>51</sup> *Com. Jo.* 2, 10; Afirma: “Para nós, que somos persuadidos que existem três hipóstasis (τρεῖς ὑποστάσεις), o Pai, o Filho e o Espírito Santo, que cremos que nenhum outro que o Pai é sem origem, temos por conforme a piedade e por verdadeiro que se todas as coisas foram feitas pelo Verbo, o Santo Espírito tem uma honra superior a tudo e que ele é de uma ordem (τάξει) superior a tudo isto que é do Pai pelo Filho”.

<sup>52</sup> *Com. Jo.* 10, 37; diz: “Porque as pessoas que fazem confusão quando falam (das relações entre) do Pai e do Filho reúnem passagens tais como: “E mais que isto, somos convencidos de testemunhos falsos respeito a Deus: por quanto testemunhamos contra Deus dizendo que ressuscitou a Cristo o qual não ressuscitou” e as passagens parecidas com esta que mostram ser pessoalmente distintos (ἕτερον) o que ressuscita, do ressuscitado; como aquele outro “destruirei este templo e em três dias o reedificarei” criam demonstrar a raiz de tais passagens que o Filho não diferencia numericamente do Pai, mas ambos vem a ser uma só coisa não só em *ousía* mas também em sujeito (ἐν οὐσία ἄλλα καὶ ὑποκειμένω), e que diferentes (unicamente) segundo certas noções (κατὰ τινὰς ἐπινοίας), não se dizem Pai e Filho segundo *hypóstasis* (οὐ κατὰ ὑποστάσις)”; A. ORBE, *Hacia la primera teología de la procesion del Verbo*, I/1, 435.

te, Orígenes afirma a diferença de *hypóstasis* entre o Pai e o Filho<sup>53</sup>. Esta distinção por *hypóstasis* entre Pai e Filho começará a ser uma característica da teologia trinitária da escola de Alexandria e persistirá fortemente em todos os discípulos de Orígenes. Começará a fazer parte da tradição, tanto que sobre este ponto Dionísio de Alexandria não renuncia a sua posição. Sobre o Espírito Santo, Orígenes sublinha bem a sua pertença ao mundo da divindade, associando-o estreitamente ao Pai e ao Filho. Como eles, o Espírito é incorpóreo, imutável, substancialmente bom<sup>54</sup>. O Espírito Santo é a *virtus sanctificans*<sup>55</sup>. Sobre a sua origem, Orígenes tem dúvida, pois diz que não está claro se o Espírito é *natus* ou *innatus* e se tem que considera-lo um segundo Filho. Em um passo de *De principiis* II, 2,1, ele afirma que o Pai gera o Filho e emana o Espírito Santo, porém sem especificar em que consiste esta emanação. A unidade da Trindade ele a concebe de forma dinâmica. Pai e Filho constituem uma coisa só quanto a concórdia, a harmonia e a vontade. Trata-se de uma união moral: *Honramos ao Pai da verdade e ao Filho que é a verdade: são dois seres por hypóstasis (δύο τῆ ὑποστάσει) porém um só pela concórdia (ἐν δὲ τῆ ὁμονοίᾳ) e pela identidade de vontade (τῆ ταῦτότητι τοῦ βουλήματος), de tal modo que quem viu o Filho, esplendor da glória e impronta da substância de Deus, viu a Deus naquele que é a imagem de Deus*<sup>56</sup>.

A unidade para Orígenes é assim uma unidade totalmente dinâmica, ainda que todas as imagens usadas por ele mostrem claramente uma indivisibilidade da substância do Pai ao gerar o Filho, sendo assim o Filho da mesma substância do Pai e esta indivisível.

Orígenes é um cristão inflamado, que recebeu a fé no berço, pois nasceu de pais cristãos. Quando jovem, seu pai é preso na perseguição, ele lhe escreve uma carta exortando-o a não esmorecer, mas a suportar o martírio. É um homem que possui grande formação cultural e é capaz de colocar este patrimônio a serviço da exposição e divulgação da fé cristã. A sua teologia é incompreensível sem as principais categorias do mundo cultural e filosófico neoplatônico.

<sup>53</sup> C. *Cels.* VIII, 12 diz: “Veneramos pois o Pai da Verdade e o Filho que é a verdade: eles são duas realidades por *hypóstasis*, mas uma só pela humanidade, a concórdia, a identidade da vontade; de sorte que aquele que vê o Filho, resplendor da glória e impronta da substância de Deus, viu Deus nele que é imagem de Deus”.

<sup>54</sup> *De princ.* I, 1, 3.4.

<sup>55</sup> *De princ.* I, 1, 3.

<sup>56</sup> C. *Cels.* VIII, 12.

### 2.3. A Exegese Alexandrina

Com Clemente e Orígenes a teologia Alexandrina assumiu o método exegético alegórico. A alegoria não era novidade absoluta. Este método já tinha sido usado pela teologia racionalista antiga na leitura dos textos dos mitos, especialmente aqueles de Homero, fazendo emergir debaixo dos traços antropomórficos, um envio a um outro significado, escondido, mas religiosamente mais aceitável e coerente com a idéia de transcendência. Nesta direção tinha se movido Filon de Alexandria, que tinha procurado relacionar os textos bíblicos às estruturas filosóficas dominantes, principalmente ao médio-platonismo, buscando evidenciar a compatibilidade entre as duas. Filo é um hebreu educado na cultura helênica, porém, fortemente embebido da fé do seu povo.

Filon de Alexandria não ignora o sentido literal do texto. Com muita sabedoria, ele discerne os casos onde o sentido literal é figurado, como por exemplo: as narrativas dos sete dias da criação. Há uma ligação entre o sentido literal e a Paidéia. A Paidéia é o domínio de tudo aquilo que é recebido pelo ensinamento e transmitido pela tradição<sup>57</sup>. A Paidéia comportará, para Filon, por primeiro a Lei hebraica, a cultura helênica, a filosofia e a cultura científica. A explicação literal do texto não é tudo, este contém também um sentido alegórico. Filon de Alexandria nas palavras de G. Reale “irrompeu sobre o imperante materialismo com a recuperação da dimensão do incorpóreo, que proclamou e defendeu de modo bastante enérgico; à visão imanentista contrapôs uma concepção transcendentalista”. Filon desenvolve uma interpretação cosmológica, antropológica e mística.

Bréher resume bem a trama dessa interpretação: *O Gênesis, no seu conjunto, até o aparecimento de Moisés, representa a transformação da alma antes moralmente indiferente, que, depois, se abandona ao vício, e que, enfim, quando o vício não é incurável, retorna gradualmente à virtude. Nesta história, cada etapa é representada por uma passagem. Adão ( a alma neutra) é atraída pela sensação (Eva), por sua vez seduzida pelo prazer (serpente); por conseqüência, a alma gera em si o orgulho (Caim) com todo o seu séqüito de males; o bem (Abel) é excluído, e assim a alma morre para a vida moral. Más, quando o mal não é incurável, os germes do bem que estão nela podem se desenvolver mediante a esperança (Enós) e o arrependimento (Henoc), até alcançar a justiça (Noé) e, depois, malgrado as recaídas (o dilúvio, Sodoma) até alcançar a santidade definitiva.*

---

<sup>57</sup> J. DANIELOU, *Filone D' Alessandria*, Roma: S. Palamidessi & C., 1991, 138.



Clemente considera a Escritura como a voz mesma do Logos divino. O Evangelho é a realização completa da Lei. O Antigo Testamento deve ser interpretado à luz de Cristo<sup>58</sup>. Orígenes foi o primeiro a comentar livros inteiros seja do Antigo que do Novo Testamento. Na sua obra *De principiis*, Orígenes expõe os princípios de sua hermenêutica, distinguindo três sentidos na Sagrada Escritura, baseando-se num fundamento antropológico: *Assim como o homem é composto de corpo, alma e espírito (1Tm 5,23), assim, a Escritura que Deus deu em sua providência para a salvação dos homens*<sup>59</sup>. Os três sentidos são: *sentido literal, sentido espiritual e sentido moral*.

1. *Sentido literal*: Este sentido é chamado ainda de histórico ou corpóreo. A primeira aproximação do texto é aquela de natureza filológica. Orígenes é consciente das divergências que há no texto bíblico entre Judeus e cristãos e ainda, das alterações que os gnósticos faziam nos textos para adequá-los melhor às suas doutrinas. Desta necessidade de fundamentar a interpretação na exatidão do texto nasce a sua obra *Hexapla*<sup>60</sup>. Normalmente Orígenes comenta o sentido literal antes de passar para o espiritual. Neste sentido são comentadas todas as informações da ciência da época. A formação filológica, que Orígenes tinha recebido em Alexandria, concorre para a interpretação do sentido literal: explicação de ordem histórica, geográfica, filosófica, médica, gramatical, mesmo os fatos de história natural, verdadeiros ou pressupostos<sup>61</sup>. Para Orígenes, é o primeiro sentido que vem ao espírito. É acessível a qualquer homem. Orígenes identifica a palavra divina com Cristo, Logos, Palavra de Deus. A letra do texto sagrado constitui o invólucro que contém em si o Logos divino. A Sagrada escritura é a permanente encarnação do Logos<sup>62</sup>. O sentido literal não representa o fim último da Sagrada Escritura, mas é um propedêutico que deve conduzir ao sentido mais profundo.

Este texto da homilia sobre o Êxodo ilumina como Orígenes aplica o seu método. Ele inicia com a interpretação literal:

<sup>58</sup> *Strom.* IV, 21, 134.

<sup>59</sup> *De princ.* IV, 2,4.

<sup>60</sup> M. SIMONETTI, *Profilo storico dell'esegesi Patristica*, Roma: Istituto Patristico Augustinianum, 1981, 42.

<sup>61</sup> H. CROUZEL, *Origene*, Roma: Borla, 1986, 97 comenta que o exegeta moderno chama sentido literal aquilo que o autor sagrado quer exprimir por meio daquela figura ou palavra, mas tudo isso representa para Orígenes o sentido espiritual. Por exemplo, a parábola do filho pródigo: a narração na sua materialidade será para Orígenes o sentido literal, porém, o drama dos gentios (o filho pródigo) e dos judeus (o filho primogênito) com a afirmação da misericórdia divina, aquilo que Jesus quis exprimir, será o sentido literal para os modernos e o espiritual para Orígenes.

<sup>62</sup> M. SIMONETTI, *Profilo storico dell'esegesi Patristica*, 43.



*Moisés recebeu a ordem de ferir o mar com seu bastão, para que ele se dividisse e se retirasse para a passagem do povo de Deus; e que esse elemento, a água, que era para ele objeto de temor, obedeça à vontade divina, formando à direita e à esquerda uma muralha que não é perigosa, mas uma proteção. As ondas refluem, pois, como montanha, e a água rechaçada sobre si mesma se encurva; torna-se sólida e o fundo do mar não é mais que areia.*

*Compreendi neste caso qual é a bondade de Deus criador. Se obedecéis à sua vontade, se seguís a Lei, ele obriga até os elementos a agir contra a própria natureza para vos servir. Eu ouvi os anciãos dizerem que, nessa passagem do mar, as águas se dividiram em tantas frações quantas são as tribos dos filhos de Israel e que cada tribo teve seu próprio caminho aberto no mar; a prova estaria nestas palavras do salmo: *Aquele que dividiu o Mar vermelho em frações...* Pensei ser piedoso não omitir essa observação dos anciãos sobre as divinas Escrituras.*

2. *Sentido espiritual ou místico*: Introduce nos mistérios mesmos de Cristo e da Igreja. O texto de 2 Cor 3, 4-18 é fundamental. Os judeus que acolheram o Cristo têm um véu que cobre para eles o verdadeiro significado da Bíblia porque *permanecem na letra que mata*. Somente quando Jesus lê para a sua Igreja as Antigas Escrituras mostrando, como para os discípulos de Emaus, que essas falam Dele que elas perdem o seu poder mortífero. A dificuldade de penetrar este sentido foi querido pelo Espírito, para impedir que verdades profundas caíssem nas mãos de indignos. O estudo da Escritura exige empenho ascético e moral, é indispensável a ajuda divina: O Espírito que inspirou o hagiógrafo inspira também o intérprete.<sup>63</sup>

Neste trecho ele passa do sentido literal ao místico, fazendo a aplicação a Cristo e ao cristão.

*Qual é, pois, o ensinamento que nos é dado por esse meio? Já falamos, acima, da interpretação do Apóstolo. A isso ele chama um batismo, realizado por Moisés, na nuvem do mar, para que vós, que sois batizados em Cristo, na água e no Espírito Santo, saibais que os Egípcios vos seguem; que querem vos reconduzir à servidão antiga, isto é, junto dos príncipes deste mundo e dos espíritos maus de que fostes escravos. Procuram vos alcançar, mas desceis para a água e dela saís sãos e salvos; tendo lavado a mancha dos pecados, subis como homem novo, pronto para cantar o cântico novo...*

3. *Sentido moral*: é uma transposição do primeiro sentido, aplicado ao homem interior.

<sup>63</sup> *De princ.* IV, 2, 7; II, 7, 2.

Nesta parte, ele chega à aplicação moral:

*Pois extermina o Egípcio aquele que não realiza as obras das trevas; extermina o Egípcio aquele que não vive segundo a carne, mas segundo o Espírito; extermina o Egípcio aquele que expulsa do coração os pensamentos maculados e impuros ou mesmo não os recebe absolutamente, segundo a palavra do Apóstolo: Tomando o escudo da fé para destruir todas as flechas inflamadas do Maligno. E assim que ainda hoje podemos ver os cadáveres dos Egípcios estendidos na margem, seus carros e cavalos submersos. Podemos ver submersos o Faraó em pessoa, se vivermos com fé bastante para que Deus derrube prontamente Satã a nossos pés por Jesus Cristo, nosso Senhor*<sup>64</sup>.

Segundo *H. de Lubac*, Orígenes agiu muito livremente na aplicação de sua teoria, inverteu freqüentemente os dois últimos termos da sua tríade, fazendo passar o terceiro sentido antes do segundo. Tem-se assim: sentido literal, sentido espiritual e sentido moral. Esta mudança é significativa. Ela se relaciona com a atividade da alma, mas estas recebem todo o seu valor do sentido espiritual, do qual se tornam como que aplicação concreta na vida do cristão. O sentido moral torna-se a reprodução em nós dos mistérios descobertos no sentido espiritual. Estes mistérios eram anunciados antigamente de modo profético, ou figurativo e agora se realizam de modo efetivo em nós. Segundo alguns estudiosos a distinção entre os três sentidos tinha um valor relativo, com relação à idéia fundamental da metodologia. Para ele a palavra de Deus tem uma fecundidade inesgotável e o ser humano não pode exaurir o seu significado.

Com a exegese alegórica foi possível evitar a crítica filosófica de antropomorfismo pelo modo como Deus é representado no Antigo Testamento, pois o caráter antropomórfico dos deuses da mitologia foi desde o início o ponto sobre o qual a filosofia grega tinha dirigido o seu ataque. Assim Clemente e Orígenes, mas principalmente Orígenes salvaram a Paidéia cristã e os seus fundamentos na Bíblia<sup>65</sup>.

## Conclusão

O Encontro com o mundo cultural Grego – Romano abriu o cristianismo à sua dimensão de universalidade. Se a nova religião se desenvolveu sobre a suspeita do mundo judeu, dos intelectuais, do estado e do povo, po-

<sup>64</sup> ORÍGENES, *Homilia sobre o Êxodo*, V, 5 (A partir da tradução de J. LIÉBAERT, Os padres da Igreja. Séculos I-IV, São Paulo: Edições Loyola, 2000, 102).

<sup>65</sup> W. JAEGER, *Cristianismo primitivo e Paidéia grega*, Firenze: Nuova Italia Editrice, 1997, 66-67.



rém, encontrará na inteligência aguda de homens formados na filosofia e cultura grega, a inflamada defesa e abertura a sua dimensão de universalidade. Em Roma, este caminho será trilhado por Justino, filósofo convertido a religião de Cristo. Ele identifica o Logos da filosofia Grega com Jesus Cristo, Verbo encarnado. Para ele, existem sementes do Verbo na filosofia Grega e tudo que os filósofos disseram de bom é participação no Logos, mas os cristãos têm a plenitude do Logos, pois em Jesus Cristo, o Logos se encarnou.

Em Alexandria, este caminho é seguido por Clemente e Orígenes. Alexandrina é herdeira de uma rica tradição cultural. Lá florescia a cultura grega – romana, já se fazia uma leitura alegórica dos textos mitológicos. Filon de Alexandria já tinha introduzido a alegoria na leitura da Sagrada Escritura. Clemente de Alexandria, homem de grande cultura, viu na filosofia a propedêutica que conduziu os gregos para o cristianismo. Por obra de Clemente e Orígenes o cristianismo assume a alegoria na interpretação da Escritura.

Estas primeiras gerações conseguiram inculturar a fé, cunhar os grandes conceitos da expressão da fé e fazer a Escritura interpelar o ser humano de então. Resta para nós o rico exemplo desta geração.

### **Abstract**

This article reflects the relation of Christianity and culture on the second and third century. In Rome, Justin martyr identifies the Logos of the Greek philosophy with Jesus Christ. In the Alexandrian School, Origen and Clement dialogue with the cultural world and introduced de allegorize of Philo of Alexandria's interpretation of the Bible.

***Pe Paulo Cezar Costa***

Sacerdote da Diocese de Valença,

Reitor do Seminário Paulo VI, em Nova Iguaçu,

Diretor e Professor do Departamento de Teologia da PUC-Rio,

Doutor em teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma.